

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: O MACHO CRIA O MUNDO E O MUNDO CRIA O MACHO

Autor(a): Rosely Maria da Silva Pires / Professora do Curso de Educação Física
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Coordenadora do Projeto de Extensão FORDAN/UFES
E-mail: roselysilvapires@hotmail.com

Co-autores:

Rosemery Casoli – FORDAN/UFES

Olavo Silva Pires – FORDAN/UFES

Roberta Susano Gouvea – FORDAN/UFES

Resumo

Este certame apresenta uma relação entre a violência praticada contra mulheres e a construção da misoginia criada por um mundo machista. Nossa estratégia tem como chave de análise o espelhamento entre o julgamento de Adolfo Eichmann, um dos grandes responsáveis pelo genocídio de judeus, e o julgamento de agressores de mulheres. A primeira questão trabalhada será a de que a violência não é contra a mulher, mas contra a humanidade perpetrada no corpo feminino; a segunda é o questionamento do lugar do Estado neste processo de violência.

Palavras-chave: Violência contra a mulher. Machismo. Misoginia.

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva discutir questões voltadas ao enfrentamento da violência praticada contra mulheres a partir das similaridades entre as violências praticadas na atualidade e a construção da misoginia criada para a perpetuação de um mundo machista desenvolvido pelo patriarcado. Buscando alcançar o nosso objetivo, trabalharemos duas questões balizadoras para as nossas pesquisas. A primeira questão está voltada à contextualização de que a violência não é contra a mulher, mas sim, contra a humanidade perpetrada no corpo feminino. A segunda questão está voltada ao questionamento do lugar do Estado no processo de criação e perpetuação da violência praticada contra mulheres.

Nossa estratégia de estudo tem como chave de análise, o espelhamento entre o julgamento de Adolfo Eichmann, um dos grandes responsáveis pelo genocídio de judeus, e o julgamento de agressores de mulheres. Relação esta,

levantada por nós, nos encontros semanais do grupo de estudo criado no Projeto de Extensão Fordan: Cultura no enfrentamento às violências.

Entender o contexto da violência contra a mulher, com números cada dia mais alarmantes, passa por compreender a transição da etapa matricêntrica para a patriarcal. Na primeira etapa a mulher, ou melhor, a mãe estava no centro das vivências como um dos sujeitos mais importantes, pois, era, a partir dela, que a vida de outros sujeitos surgia. Porém, quando foi entendido que tanto o homem quanto a mulher possuíam os elementos necessários para a perpetuação da espécie, foram criadas normas ou regras para estabelecer um lugar de inferioridade para a mulher e um lugar de superioridade para o homem, começando assim, a segunda etapa, que veio a ser denominada de patriarcado.

O patriarcado pode ser definido como uma construção social, cultural e religiosa na qual o representante do poder masculino possui o “direito” de usar da violência para garantir o seu “direito” de propriedade e de controle sobre bens e pessoas. Dentro deste sistema, foi estabelecida uma dicotomia entre o privado e o público, e, as mulheres se tornaram então, destinadas à satisfação sexual dos homens, reprodutoras de herdeiros, de força de trabalho e de novas reprodutoras.

Esta dicotomia por sua vez, estabeleceu a origem da dependência econômica da mulher, ocasionando assim, para as gerações futuras uma submissão psicológica do feminino e uma dominação psicológica do masculino. Desde então, gestar e parir um filho, tornou-se dentro do sistema patriarcal uma função de inferioridade, uma vez que ser mulher tornou-se uma prisão para o gênero feminino.

Dentro deste contexto de estudo, buscamos analisar a construção da misoginia, que é denominada como um sentimento masculino de aversão e ódio por mulheres, cuja construção surgida no sistema patriarcal continua sendo perpetuada por uma expressiva parcela nas novas gerações de homens.

METODOLOGIA

Para discutir a primeira questão voltada ao conceito de que a violência não é contra a mulher, mas, contra a humanidade perpetrada no corpo feminino,

dialogamos com Muraro (2001 - 2014).

Para discutir a segunda questão voltada ao questionamento do lugar do Estado no processo de violência contra a mulher, dialogamos com Arendt (1999).

Rose Marie Muraro (2014), na introdução do livro “O martelo das Feiticeiras”, analisa o porquê da “caça as Bruxas”, considerado o maior feminicídio histórico em que cem mil mulheres foram queimadas. Na intenção de estudar a misoginia Muraro (2014) apresenta quatro etapas cronológicas da criação do mundo. São elas: o mundo criado por uma deusa mãe; por um deus andrógino ou um casal criador; por um macho que destrona a deusa; e, o último, por um macho que cria o mundo sozinho. Propomos-nos a refletir sobre esta quarta etapa, analisando a dimensão político-ideológica, e, portanto afetiva, da afirmativa, “o macho cria o mundo”.

Outra observação da autora se dá em relação aos sistemas simbólicos como essencialmente masculino. Para a Muraro (2001), à época de Freud e Lacan a mulher não tinha acesso à ordem simbólica, pois esta era uma produção pelo, e para os homens, previstas em “Leis, gramática, crenças, filosofia, dinheiro, poder político e econômico” (Muraro, 2001, p. 1). Com as conquistas femininas temos a mulher no mercado de trabalho, e em vários níveis, incluindo a escala mundial. Elas estão construindo uma nova ordem ao substituírem “a função estruturante do falo pela função estruturante da vida” (Muraro, 2001, p. 2).

Esta autora, então, nos alerta para a necessidade de reflexão sobre o lugar das ciências psicológicas quando trabalham o movimento da castração do menino afirmando-o como biológico e imutável. Dentro do contexto da misoginia, o que assistimos é a afirmação do complexo de Édipo, como um natural afastamento, e até ódio à mulher, como forma de maturidade e autonomia masculina.

Ao propor a efetivação de um conhecimento que historicamente foi condenado, qual seja o conhecimento sem dicotomias entre amor e sexo; razão e emoção; corpo e alma, a mulher atua na contra mão do patriarcado, da misoginia, do autoritarismo e do fundamentalismo, que são as principais armas do modelo econômico neoliberal imperialista. O feminismo, como o entendemos, atua na contramão de um modo de gestão e condução da vida historicamente focada no

capital. É, neste contexto, que as teorias de Hannah Arendt (1999), se fazem fundamentais para questionarmos o lugar do Estado no processo de violência praticada contra mulheres. Usamos para este estudo algumas discussões do livro “Eichmann em Jerusalém - Um relato sobre a banalidade do mal”.

No contexto descrito por Arendt (1999), a mesma afirma que o problema maior não foi o regime nazista, mas o anti-semitismo ao longo da história. Parafraseando a autora, ficam as perguntas: por que as mulheres? Qual o papel das nações no enfrentamento às violências contra a mulher? Ou melhor, contra todos os que foram e são colocados historicamente no lugar de vulnerabilidade? Por que as ações implementadas nas ações de fortalecimento da mulher não reduz os índices de violência? Pelo contrário, eles aumentam a cada dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contextualizar sobre as violências praticadas contra mulheres, é um dos recortes sobre violências pesquisados e trabalhados no Fordan: Cultura no Enfrentamento às Violências. Para que os objetivos do enfrentamento fossem melhor assimilados pelos integrantes do projeto, se fez necessário criar um grupo de estudos sobre o assunto. Assim, as vivências práticas realizadas durante os atendimentos às mulheres vítimas de violências ganharam uma dimensão de pesquisa, e junto com essa dimensão surgiu a necessidade de legitimação dessa proposta de enfrentamento.

Ao colocarmos em pauta as duas questões balizadoras deste trabalho, sendo ambas voltadas à análise da construção e perpetuação da violência contra mulheres, demarcamos um lugar de fala para pesquisadores do tema, cuja contextualização parte da relação entre as suas pesquisas de campo e as teorias propostas no grupo de estudos. Neste contexto, ao relacionarmos o julgamento de Adolfo Eichmann com o julgamento de agressores de mulheres, consideramos que ambos são representantes do sistema patriarcal no qual “o macho cria o mundo” para si, cujas regras demarcam os escolhidos para morrer, no caso de Eichman o sistema escolheu os judeus, no caso dos agressores, o sistema escolheu, e ainda

escolhe, as mulheres.

A dicotomia entre feminino e masculino, embasada na sociedade, cultura e religião, ainda delimita o espaço feminino como referencial do privado e amplia o espaço masculino como referencial do público, alimentando assim, a desigualdade entre mulheres e homens. Como consequência dessa violência institucional, surgem os sentimentos de superioridade masculina que, atrelados à ideologia machista de que o mundo foi feito por e para os machos, alimenta a misoginia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MURARO, Rose Marie. Introdução do livro de KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras**. 24^o ed. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2014. Ed. Original 1487.

MURARO, Rose Marie. **Por uma nova ordem simbólica**,. Folha de São Paulo, 2001.